

> Agradeço este convite por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, que aceitei com muito gosto, a minha contribuição resulta de uma experiência recente e de estadias curtas num país em particular, Moçambique.

É uma experiência prática, centrada em processos de design, na sua maioria participados e enquadrados no dia a dia.

Os meus comentários e reflexões têm necessariamente de ser perspectivados de acordo com esta experiência. E penso que a minha contribuição para o tema de hoje poderá partir da natureza colaborativa dos processos que iniciei junto de instituições de ensino e associações locais.

> Em Moçambique passei duas temporadas, uma de 4 meses em 2009 e outra de 1 mês em 2010. Apesar de a experiência ter sido curta, transformou de forma significativa a minha reflexão crítica, o meu posicionamento enquanto designer, para um reflexão ética e crítica de práticas de design, assim como uma perspectiva sobre a tendência generalizada a uma prática de design para a mudança, ou de chamada intervenção social.

> Mas a minha estadia em Moçambique foi precedida de um primeiro contacto com o Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa que gostaria de mostrar como introdução.

> GTO utiliza técnicas de teatro participativo para trabalhar temas a partir de interacção com comunidades locais.

**Workshop de Investigação
Fundação Calouste Gulbenkian
Maio 2011**

**Barbara Alves
b.alves@gold.ac.uk**

> **2008 / Cova da Moura e Vale da Amoreira**

Enquadramento (sucinto): experiência enquanto docente em ambiente académico, o desenvolvimento de propostas em contextos “reais;” workshops de tipografia.

Reflexões:

- Primeiro contacto com “periferia” em contraste com experiência de viver no “centro.” Distância entre periferias e centro (exemplo comida). Criei novas perspectivas sobre a cidade de Lisboa, sobre a língua portuguesa, sobre a relação entre Portugal e descendentes de imigrantes das ex-colónias.
- Primeira experiência de envolvimento com comunidades. (Tempos diferentes, interesse e disponibilidades, relações construídas noutros moldes).

> Oficina **Eu. Politico**

Participantes criaram os seus próprios partidos políticos e plataformas para os defender.

- Descrição sumária da oficina, objectivos, resultados e ambiente.

Apresentação de alguns dos partidos criados:

Partido Caça-Baratas porque as baratas andam na escola e não pagam propinas, vivem em Portugal e não precisam de BI português. Porque as baratas têm direito à habitação e não pagam renda, comem a comida dos outros...



Partido JOB, Quero Ser como Sou: Pelo direito
a não ser discriminado com base na aparência.



Partido MDDL: Pelo a igualdade de tratamento das raparigas pelos pais nas regras de sair à noite.



Partido Poder de Inflação: É difícil viver com o ordenado mínimo, este partido chama atenção para este problema, lutando pela qualidade de vida das pessoas que trabalham e recebem apenas o salário mínimo.



Partido OBRA: Defende a Cova da Moura e a preservação dos bairros chamados de barracas, ou ilegais. Defendendo que a vida nestes bairros é mais partilhada, comunitária, social, cheia de música em contraste com a solidão e frieza dos grandes e anónimos blocos de apartamentos.



Partido ABRAÇO: Não possui líder, abraçam todas as causas importantes para os seus membros ouvindo todos/as com atenção.



> Cova da Moura: **Cartaz para a peça de teatro Interesse**; o desafio de envolver a comunidade na criação do cartaz, intervindo num espaço público.

– Descrição do processo de trabalho





Flyer para peça Interesse

- Procurar letras “escondidas” pelo bairro



> **Enquadramento da viagem a Moçambique**

- Contacto com Alvim Cossa do GTO-Maputo, através de Gisela Mendonza do GTO-LX
- Apoio de Fundação Calouste Gulbenkian para a realização de oficinas em conjunto com Pedro Manuel.

> **Sensação de periferia**

- onde se tem como referente a realidade ocidental, mas de forma idealizada, limitando possibilidades que podem originar do contexto.

> **Descrição da imagem**

- Vida social no passeio, comércio tradicional, e o contraste entre uma nascente sociedade de consumo num ambiente de pobreza

> **A nível pessoal**

- auto-crítica constante e dificuldade de posicionamento; dificuldades na rotina diária, transportes, comunicação.

> **Primeiro contacto com GTO**

- Necessidade de primeiro período de adaptação e “conhecimento” do terreno
- Reformulação de oficinas no sentido de abordar questões relacionados com o trabalho da GTO: como identificar temas relevantes? Como comunicá-los? Como partilhar e discutir ideias?
- Explicação do local: Hulene / periferia de Maputo



Apresentação de alguns dos partidos criados

Partido COME!

Coma com a colher grande.

Objectivo deste partido é que até 2014 toda a gente em Moçambique seja gorda.

O partido apresenta planos para engordar, por exemplo como aparecer sem ser convidado em casamentos, baptismos e funerais.



Partido do Imposto Reduzido (PIR), tem como objectivo levar as pessoas a não pagar impostos, mas encher bolsos e comprar objectos de luxo, numa crítica à fuga de impostos generalizada. De forma irónica (com música e dança) apelam a que o dinheiro dos impostos seja aplicado nas necessidades do país.



Partido da Transformação Social (PTS)

acredita na cultura como agente de transformação social apelando a que a uma maior variedade de agentes culturais sejam apoiados na política cultural Moçambicana.

> **Conclusões desta oficina**

- Sensibilização para “pensar” comunicação visual, para a expressão visual de ideias e para desenvolver um processo de trabalho;
- A importância da ironia. Como me foi dito em tom divertido: “há liberdade de expressão, não tem problema, o problema é a liberdade depois da expressão.”
- A importância de saber veicular ideias



> **Identidade e lugar**

Interagir com a Feira de Hulene

Pegadas

Este grupo pediu às pessoas na Feira de Hulene para desenharem o contorno do pé e escreverem nome, idade e história dentro do contorno: Quem são? e o que fazem na Feira de Hulene?

Os resultados foram afixados numa parede na Feira para as pessoas verem. Esta intervenção gerou um mapa da diversidade de pessoas que vivem na Feira de Hulene o seu dia a dia.



NOME: David Paulo Miranda

Eu faço um curso de cerâmica
eu vivo na rua e eu todos os
dias vou fazer um carro
est e' o meu carro mas eu
não quero ter este carro mas
o meu sonho e de ser um
músico porque o meu pai
o instrumento est e' que e' o meu
sonho.

Ana Adão Chongoio Nacionalidade Mocimboa
Nascida em 23-01-78 - Tem 31 anos
Natural de Maputo - formação profissional:
secretaria executiva, Administrativa; Gestora de
material e produtos; Educadora de menores em conflito
com a lei; Formadora Técnica de HIV/Sida e doenças
crónicas; Na feira faz gestão e educação aos
menores.

825494065

eu gosto de tomar
sumo
gosto de ficar no Harvama
club

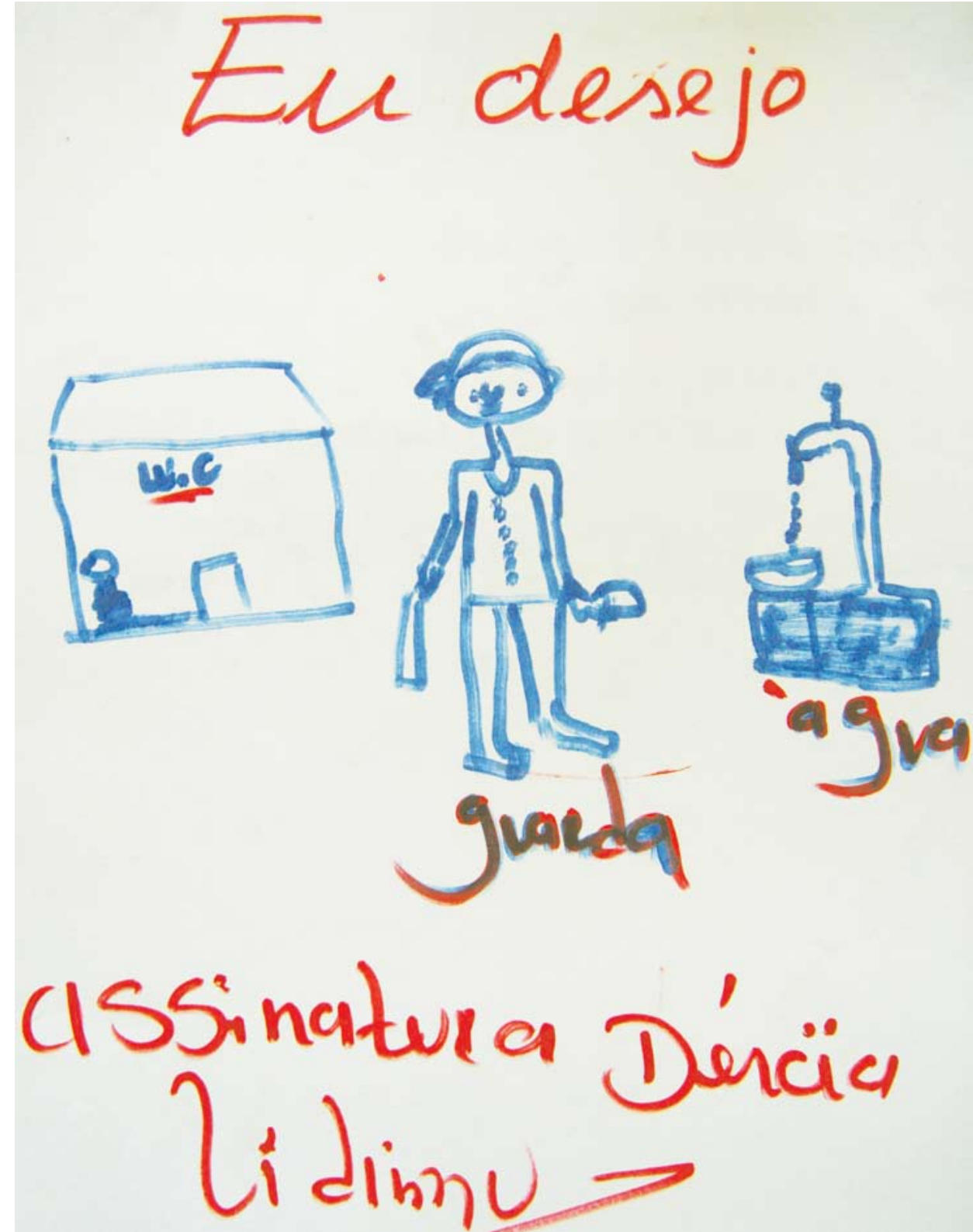
Desejos para a Feira de Hulene

Conhecer um local e as suas pessoas é conhecer o que as pessoas esperam do lugar, como o vêm mudar e evoluir. Como visionam o seu futuro? O que deve mudar? Perguntar às pessoas de Hulene o que desejam para a Feira.



> Conclusões

- Trabalho afixado; o conjunto de vozes produz visibilidade e um efeito maior do que a individualidade de uma manifestação pessoal.
- A possibilidade de utilização destas abordagens no dia a dia da GTO, para explorar ideias a trabalhar numa comunidade.



> **Outras experiências**

- Como disseminar ideias? Utilizando sacos de plástico para disseminar mensagens.
- Qual a força de uma palavra? Explorar ferramentas para a construção de letras em palco em diferentes contextos linguísticos pelo país. Reflectir sobre questões relacionadas com contexto e significado, alterando fundos, escalas e materiais.
- Um convite à Feira. Dando as boas vindas à nova casa do GTO-Maputo, escrevendo “comunidade activa e participativa” na fachada em Português, Xichangana e Inglês.

> **Análise**

- O modelo das oficinas: a importância de processos de formação mais longos para além de experiências curtas.
- A importância de uma intervenção que se desenvolva nos vários níveis políticos e comunitários das instituições culturais, como o GTO, num envolvimento mais prolongado.
- De que forma é que o apoio externo influencia o que é próprio ao local? A importância de criar diálogos, relações, percepções, ao longo do tempo.
- O facto de ser “mulunga” portuguesa. De imediatamente fazer parte de estereótipos. De alguma forma a comunidade portuguesa da Polana é, para Maputo, o que a comunidade “africana” na Cova da Moura é para Lisboa, à parte, fechados, tentando recriar o seu contexto original, mesmo que de algo que não experienciaram.
- em ambas as situações, a dificuldade da língua, de partilhar códigos linguísticos.



> **Projecto Zona**

- Contexto institucional: Escola Nacional de Artes Visuais (ENAV).
- Primeiro contacto com alunos/as em aulas sobre tipografia e história da tipografia que desencadeou uma relação gradual.
- Impressões sobre o modo como alunos/as percebem “design.”

> **Imagem:** brincando com letras, escala e contexto, visível e invisibilidade com alunos/as do 5C

> **Objectivos:** reflectir sobre a responsabilidade social do designer, salientar a importância do processo, desenvolvendo um projecto em interacção com um contexto e pessoas.

> **Contexto:** Baixa de Maputo; zona envolvente à ENAV.

- A falta de regulação em infraestruturas urbanas, deixa grande espaço para intervenção, motivando participação e envolvimento.



> Processo de trabalho

Zona foca em problemas encontrados na Baixa de Maputo partindo da observação e de entrevistas com pessoas.

Quem vive este espaço? Como? Que edifícios existem? Que serviços? Que novas perspectivas se podem construir sobre a cidade? Como imaginar mudança?

Numa primeira fase alunos/as recolheram imagens e depoimentos para, a partir daí discutir em conjunto principais áreas de intervenção dividindo temas pelo grupo para criar primeiras propostas. Essas propostas foram depois discutidas, decidindo-se quais as abordagens a desenvolver.

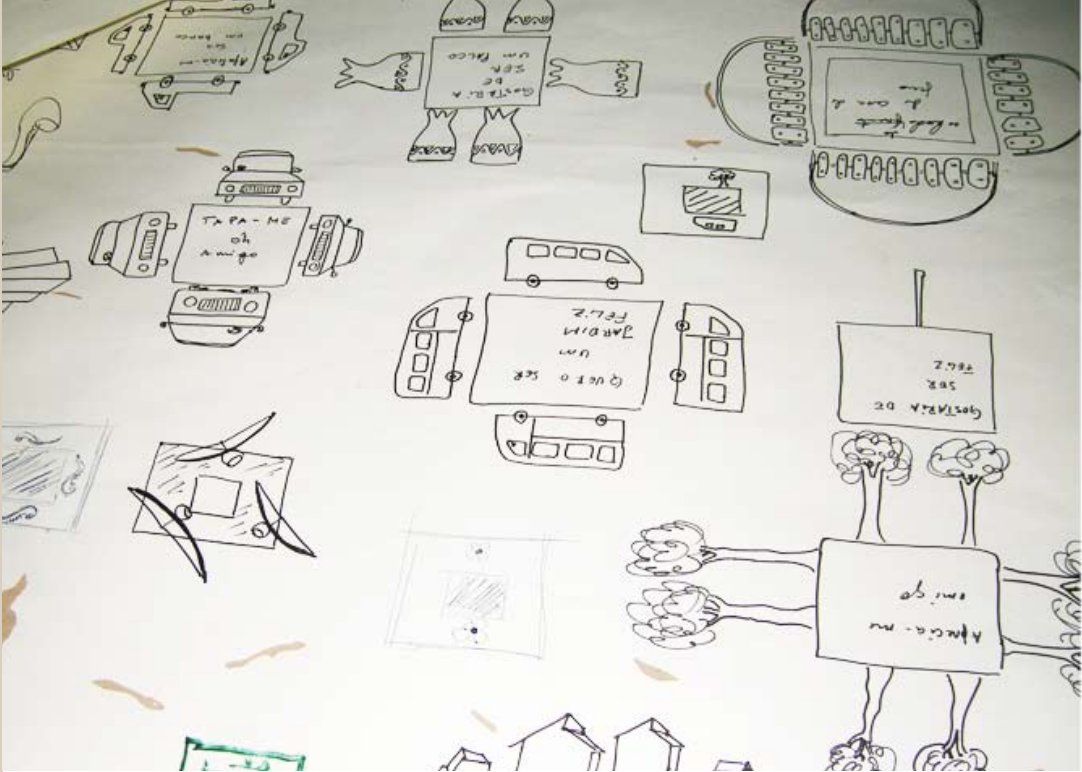


> **Buracos**

Sinalizar buracos no chão causados pela ausência de tampas de saneamento que se encontram dispersos pelo pavimento. Só no quarteirão onde trabalhamos encontramos 47 buracos abertos, alguns deles com uma profundidade de mais de 1 metro.



Em Maputo não existe um sistema de sinalética: agir duplamente; por um lado chamando a atenção para o perigo que os buracos representam, por outro lado utilizando-os como pontos de sinalização de actividades envolventes, assinalando a diversidade de serviços e espaços culturais que o quarteirão oferece.



Exemplo da relação entre pictogramas e espaços.







> **Jogos**

Entrada do Jardim Tunduru: Transformar o pavimento em espaço recreativo e de interação.







> **Nsila**

Fotos de lixo espalhado um pouco por toda a Baixa. Não existem pontos para colecção de lixo distribuídos pela cidade, apenas grandes contentores.



Primeira experiência de intervenção.



Solução encontrada a partir de uma grande pilha de computadores velhos que se encontrava num pátio da ENAV.





Locais mantêm os “caixotes” de lixo



> **À vista**

Desencorajar homens em relação a urinare
contra as árvores, tornando o acto o mais público
possível.



> **Mural**

Transformando um lugar abandonado e desagradável num espaço público: chamar o olhar para um vazio urbano junto de uma rotunda simbólica que era ignorado, sendo usado por sem abrigo e como urinol. Que nova função poderia ter este espaço? Um jardim; o mural junta visões individuais do que poderia ter este jardim.

– Um ano depois este espaço é mantido pela câmara, para que o mural se mantenha visível e o espaço limpo.



> **Zona#2**

Rua do Bagamoyo

- Explicação deste novo contexto.
- Analisar Zona#1 um ano depois.

> **Sinalizando a Baixa**

Na segunda edição do Zona, desenvolveu-se um sistema de sinalética a partir de padrões encontrados ao explorar a zona.





NOTÁRIO
FINANÇAS



ARQUIVO
HISTÓRICO



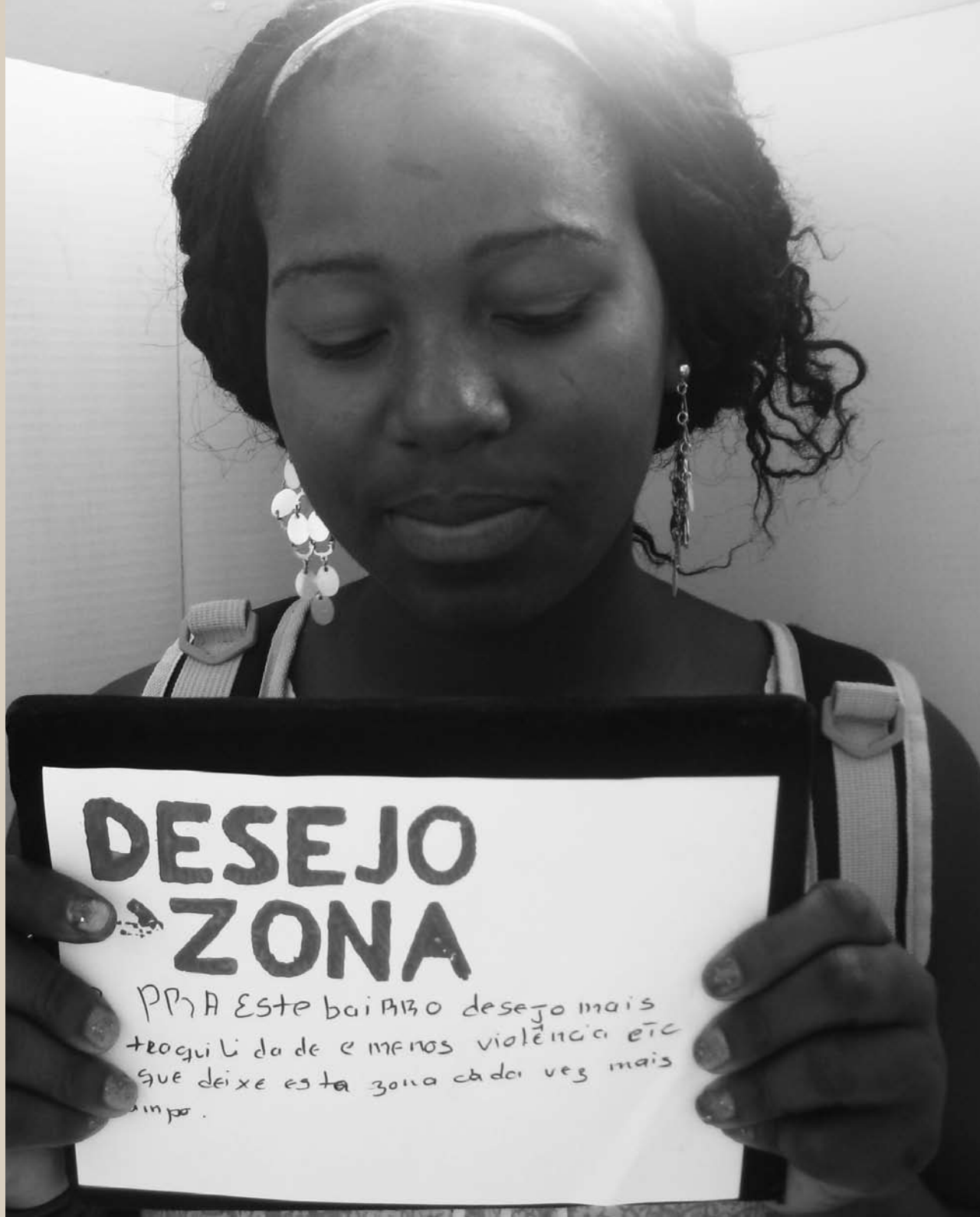


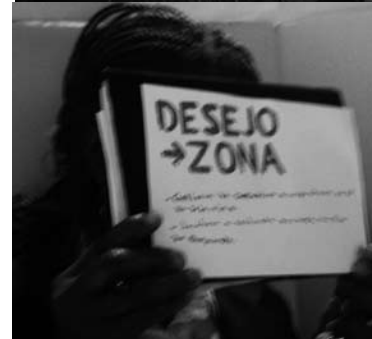


> **Ninavela**

Instalou-se uma cabine pública para registar “desejos” para a zona da Rua do Bagamoyo. Os resultados, fotografias e depoimentos recolhidos através de uma “cabine” foram expostos na Av. 25 de Setembro e discutidos com trausentes.







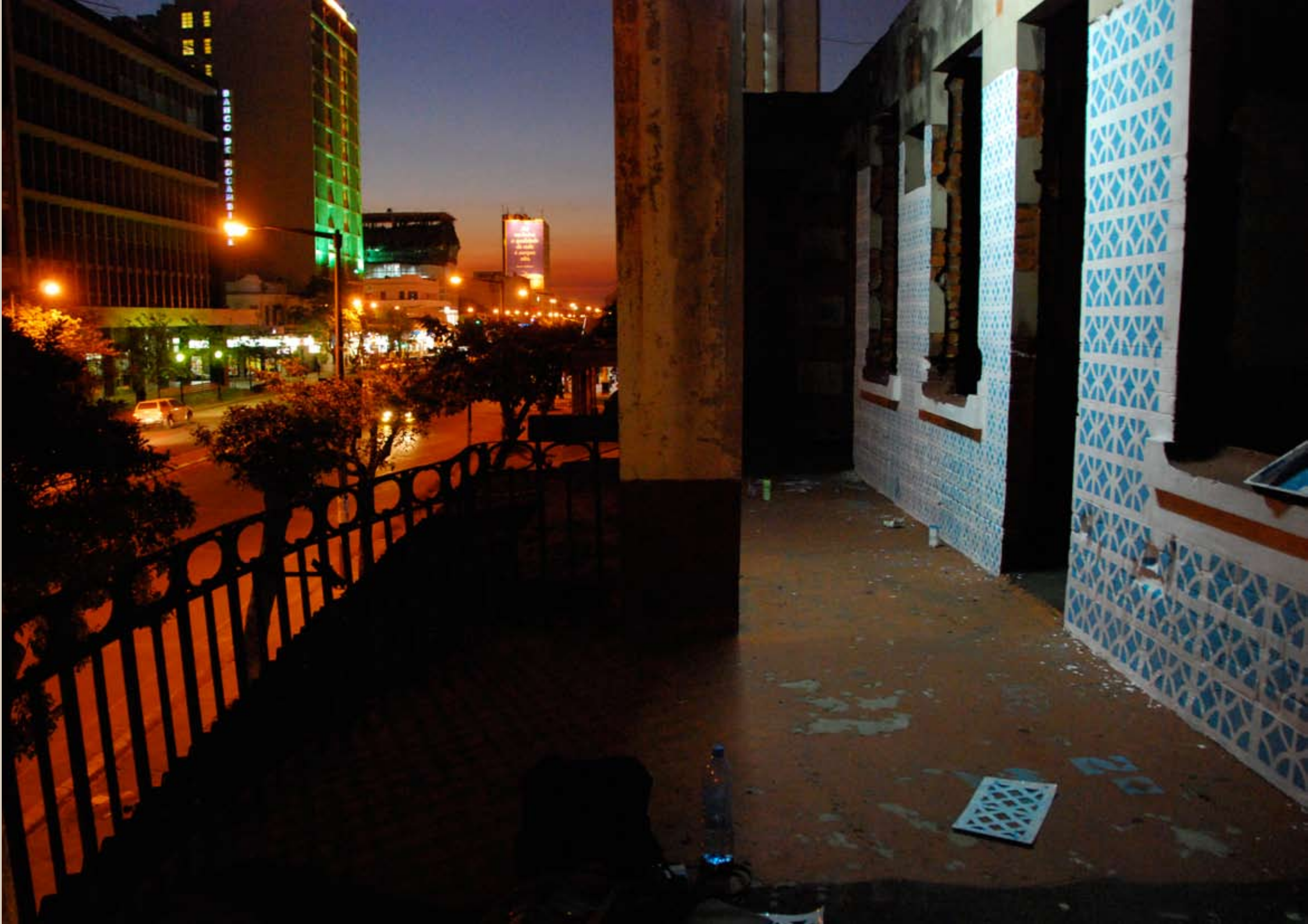
> Mural

Mais uma vez para finalizar pintou-se um mural colectivo, desta vez transformando um edifício abandonado bem no centro da cidade. Colocaram-se hipóteses para a utilização deste espaço.

> **Conclusões:** Zona iniciou um debate sobre a cidade, activismo, cidadania e responsabilidade social. O projecto teve visibilidade com o grupo a apresentar trabalho na rádio e televisão moçambicana. Acredito que contribuiu para que o design se tornasse “mais próximo,” para que se entendesse enquanto processo conectado à vida do dia à dia.

> **Análise:**

- Diferentes modos de trabalhar e pensar, o divertimento faz parte do trabalho.
- O meu posicionamento em relação ao grupo, ritmo de trabalho, processos criativos.
- A dificuldade em gerir situações relacionadas com dinheiro.





O meu tempo livre foi sendo totalmente preenchido com fotografar cadeiras de seguranças espalhadas pela cidade.

Em Moçambique há imensa criatividade em encontrar soluções para criar, re-criar, consertar objectos de acordo com as necessidades.

Estas cadeiras são transformadas de tal forma que se transformam noutra objecto.
A constante transformação destas cadeiras marca a passagem do tempo na cidade.



Fotografar cadeiras passou a tomar mais e mais do meu tempo e tornou-se um processo de interação com as pessoas na rua que, aos poucos, foram ocupando mais espaço nas fotografias. À medida que isso aconteceu, regressei para entregar fotografias, iniciando novo processo.





Neste processo entrei em contacto com uma forma de falar português, de cumprimentar, de perguntar, de interagir que me cativou. Pela flexibilidade da língua, a sua oralidade, a liberdade na criação de imagens, da mistura com o Inglês, o Xichangana e outras línguas. O português expandia-se para além dos limites do que eu entendia.





Estas experiências impressionaram-me enquanto profissional, deixando-me com o embaraço de quem se apercebe que produzia e ensinava em contextos uniformes, standartizados. A falta de regulação, a criatividade da comunicação interpessoal, em conjunto com o desafio de ser portuguesa e estar no contexto de uma ex-colónia portuguesa, levou-me a questionar a língua.

Os aspectos culturais ligados à língua são constantemente negociados entre pessoas que partilham línguas em comum para além da sua língua materna. Como explorar estes diálogos em línguas que não pertencem a nenhum território? Como torná-lo visível? Através de processos participados?

O design na relação entre língua, cultura e identidade está na base do doutoramento que iniciei recentemente. E no qual continuo a abordar questões relacionadas com estas experiências, também do ponto de vista da ética do design.

